



Victor Petrucci

Militante da vida inteira: Victor Petrucci

Joana Salém Vasconcelos

Historiadora (USP) e Mestranda em Desenvolvimento
Econômico pela UNICAMP

Victor Petrucci nasceu em 1944 em São Paulo, neto de imigrantes italianos e portugueses, família de classe média. Aos 17 anos se envolveu com a militância política, a partir do movimento secundarista. Lutou pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961. Apesar de já ser ateu, contribuía com o jornal *Brasil Urgente*, dirigido pelo Frei Carlos Josaphat. Jovem, indignou-se com a campanha golpista da UDN contra João Goulart. Nas vésperas do golpe militar de 1964, Victor Petrucci quis conhecer melhor seus inimigos e se meteu no meio da *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, “exatamente para me imiscuir no meio do povo cooptado e ver o que estava rolando. Saí poucas quadras adiante, satisfeito pela minha descoberta: todas as faixas tinham sido feitas no mesmo lugar. Tinham sido distribuídas pela direita”, recorda.

Eram outros tempos: não havia a possibilidade de omissão, a sociedade estava polarizada e tensa. Contra ou a favor. Todos tomavam partido. Após entrar na USP, para fazer o curso de Química, se tornou membro do PORT-QI – Partido Operário Revolucionário Trotskista da Quarta Internacional. Era uma organização liderada por José Posadas, bem pequena, e com presença no Brasil, Argentina e Uruguai. Isso foi em 1968. Pelo jornal *Frente Operária*, acompanhavam as notícias da revolução mundial, novidades da luta e da guerra, com entusiasmo. Defendiam a frente operário-camponesa-estudantil para cumprir as tarefas revolucionárias no Brasil. Eram seduzidos pelo foquismo: Guevara era a referência absoluta e Cuba uma inspiração tremenda, que dava gás às ações do grupo. O mimeógrafo era um companheiro

permanente das madrugadas. Hoje, Petrucci ri da célebre declaração de Posadas sobre os extraterrestres, feita anos depois que deixou a organização. “Isso nos valeu motivo de piada para os companheiros do PCB, Pc do B e outros durante décadas”, lembra.

Quando Victor foi preso, no XXX Congresso da UNE de 1968, foi encaminhado ao presídio Tiradentes, onde durante alguns dias dividiu cela com Frei Tito. Com Tito e outros companheiros de cela, criaram células revolucionárias no presídio. Para passar o tempo, inventavam gritos de guerra e cantavam canções de luta. Acabou solto após uma semana, sem assinar a declaração falsa que lhe imputaram.

“Os enfrentamentos com a polícia eram semanais. Cada reunião, cada encontro era uma decisão consciente de colocar a vida em risco total”, conta Victor. Tudo era clandestino. Na época, Victor tinha o codinome Gustavo. A caminho de certas reuniões, todos fechavam os olhos, para não ver aonde iam. Nos anos 70, militou para retomar os sindicatos das mãos dos pelegos, especialmente o dos Metalúrgicos de São Paulo, que nunca ganharam. Também trabalhou para as oposições dos Químicos, dos Petroleiros e dos Bancários. Victor ajudou a fundar, em 15 de novembro de 1973, o Centro de Pastoral Vergueiro de formação popular, com o apoio do Cardeal Arns e protegido pelos dominicanos. Hoje é o Centro de Pesquisa e Documentação Vergueiro, com arquivos de meio milhão de itens da militância sindical dos anos 70 a 90, incluindo fotos, cartazes, fitas de vídeo, panfletos e revistas. Por lá passou uma parte significativa da construção da CUT, do PT, e das ações do Movimento de Oposição Sindical Metalúrgico de São Paulo, o MOMSP.

A construção partidária foi uma experiência marcante: “o PT foi criado por milhares e milhares de anônimos que se aliaram aos intelectuais e operários. Éramos a massa anônima que sustentava o partido através da militância”, defende. Um processo intenso de construção nas bases da sociedade, nas fábricas e universidades, que culminava com ampla comemoração a cada conquista. Hoje Victor já não se alinha mais com o PT, e milita no PSOL. Explica que “à medida que o partido foi crescendo e se estruturando, a militância foi se tornando desnecessária. Era mais fácil pagar ‘profissionais’ que agüentar discussões com militantes. Nós que dávamos cursos de comunicação e formação política no país inteiro estávamos nos tornando obsoletos na estrutura do partido”. Sua discordância foi se acentuando ao longo dos anos 90, mas ainda comemorou a vitória

de Lula em 2002. Depois, se desiludiu. “Foi muito duro romper com o partido. O mito da coisa certa estava entranhado em nossa alma”, desabafa Victor. Ainda que o PSOL apresente fragilidades, defende que é a melhor alternativa partidária para a militância de esquerda democrática ou anti-capitalista no Brasil. Está organizado na corrente Movimento da Esquerda Socialista, de origem morenista. “Batalharemos com vontade para que o PSOL seja uma alternativa de poder”, declara.

Além de construir o PSOL, está em diferentes frentes. Atua na Associação de Moradores de seu bairro, nos movimentos ambientais SOS Campinas – Barão Geraldo Presente e SOS Mata Santa Genebra, além de militar no COMDEMA, Conselho de Defesa do Meio Ambiente em Campinas. “Participar faz parte da minha vida. Não sou liderança, nem quero ser, e é minha opção continuar na militância até quando for possível”, planeja.